

Churchill nu

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Durante a Segunda Guerra Mundial, depois que os norte-americanos decidiram entrar no conflito, Winston Churchill passou longas temporadas na Casa Branca, em Washington. Ele e Franklin Roosevelt mantiveram demoradas reuniões, em muitas conversas em que, aliás, o primeiro-ministro introduziu a bebida alcoólica no ambiente puritano do presidente norte-americano. Brotou uma genuína amizade entre os dois. Eles se falavam diariamente. Concordaram, por exemplo, que era necessário criar um mecanismo para evitar guerras tão letais e destruidoras quanto aquelas que, naquele momento, se desenrolavam na Europa e na Ásia. Não conseguiram, contudo, descobrir o nome da nova instituição multilateral. Certo dia, Roosevelt teve a ideia: *United Nations* (Nações Unidas). Ele ficou tão entusiasmado que foi ao apartamento de Churchill, na sua cadeira de rodas, e entrou sem avisar. Encontrou Churchill completamente nu, saindo do banho. Com o corpo rosado e barrigudo, o primeiro-ministro não se conteve e disse: “Como o sr. pode ver, presidente, o governo de Sua Majestade não tem nada a esconder dos Estados Unidos”.

Os dois caíram na gargalhada e, assim, foi dado o primeiro passo para a ONU nascer. Houve um período entre 25 de abril e 26 de junho de 1945 em que representantes de 50 países se reuniram para formular a *Carta das Nações*. Depois, em São Francisco, na Califórnia, representantes daqueles 50 países assinaram a Carta no dia 24 de outubro de 1945. A Polônia assinou depois. Mas o país é considerado um dos 51 países

fundadores da ONU (Organização das Nações Unidas). O Brasil está nesse grupo. Hoje, a instituição reúne 193 países.

Na época, foi criado o Conselho de Segurança da instituição, constituído por membros efetivos e outros que integrariam o colegiado por período determinado. Os cinco privilegiados que conseguiram o direito de veto foram os seguintes: República da China, União Soviética, Reino Unido, Estados Unidos e o governo Provisório da República da França. Ou seja, os vencedores da guerra, que o tempo se encarregou de afastar uns dos outros. A República da China em 1949 se mudou para Taiwan, porque o país se tornou a China Comunista. A República Provisória da França foi a França de De Gaulle, que sempre quis caminhar sozinha.

Os vitoriosos criaram as Nações Unidas. Depois, o mundo viu a guerra fria entre Estados Unidos e aliados contra a União Soviética e seus satélites. A União Soviética se derreteu, a Alemanha se reunificou, e o mundo do século 21 é substancialmente diferente daquele em que foi imaginada a proposta de criação de uma entidade multilateral para cuidar da paz. O cenário político de hoje ainda é baseado e fundamentado na geopolítica de 1945.

O presidente Lula tem razão quando diz que a ONU precisa ser reformulada e adequada ao mundo atual. Duas guerras devastadoras estão em curso neste momento, mas em nenhum dos dois cenários a ONU conseguiu fazer valer sua importância. O ministro de Relações Exteriores do Brasil, Mauro Vieira, que presidiu a mais recente reunião do Conselho de Segurança,

admitiu ter sido uma vergonha não chegar a um consenso para, ao menos, decidir por um cessar-fogo temporário no conflito na Palestina.

Os Estados Unidos vetaram a proposta do Brasil que obteve 12 votos, em 15, para ocorrer um cessar-fogo. Outras propostas receberam vetos. Veto contra veto faz com que o Conselho de Segurança não saia do lugar. Israel, aliás, não costuma levar em consideração as decisões da ONU. Sua política de colonizar áreas da Cisjordânia, que é terra dos palestinos, causa controvérsia e já foi firmemente condenada pelas Nações Unidas. No entanto, Israel tem licença para matar. Seu exército bombardeia o gueto de Gaza dia e noite. É a dura resposta à ousadia do Hamas, grupo fundamentalista com viés religioso, ligado ao Irã, que pulou a cerca que envolve aquela prisão ao ar livre e atacou seriamente colonos, crianças, mulheres e civis.

A diplomacia brasileira agiu no seu limite. Organizou junto com a FAB uma bela operação de repatriação dos nacionais que estavam em Israel e na Cisjordânia. Aguarda a liberação dos que estão dentro de Gaza. Os norte-americanos decidiram que a questão da Palestina é assunto deles. O presidente Joe Biden foi a Tel Aviv, exclusivamente, para conversar com Netanyahu, primeiro-ministro. E já empacotou armas destinadas à defesa de Israel. A política externa norte-americana se conecta com a política interna. O presidente é candidato à reeleição. Quer o voto judeu, que é forte nos Estados Unidos. O mundo de hoje é diferente daquele de 1945, mas os donos do poder são os mesmos.



Mulheres negras e o salto para a liderança. Resiliência e realizações no DF e além

» RENATA NANDES
Jornalista, estudante de psicanálise, entusiasta da sororidade e voz ativa na promoção do empoderamento feminino

Atletismo artístico mundial não é apenas um espetáculo de força e graça, mas também um palco, onde a história é escrita e reescrita. Recentemente, um evento emblemático iluminou os ginásios: mulheres negras não somente competiram, mas dominaram o pódio, enviando uma mensagem poderosa que reverbera por todos os setores da sociedade. Essa imagem é um sinal de esperança e mudança, uma prova de que, passo a passo, a luta pela equidade de oportunidades ganha terreno no Distrito Federal e além.

Vamos falar sobre números? Eles oferecem um olhar mais profundo sobre essa jornada. No coração do Brasil, em nossa capital, mulheres negras representam um robusto 35,9% da população acima de 14 anos, segundo dados recentes de julho de 2023. Isso equivale a 1.264 mulheres negras prontas para, e merecendo, oportunidades de trabalho dignas na Área Metropolitana de Brasília (AMB).

A alta participação dessas mulheres na População em Idade Ativa (PIA) reflete um progresso lento, porém significativo, na inclusão da força de trabalho feminina negra nos diversos setores da economia. No Distrito Federal, essas mulheres representam 33,6% da PIA e, na periferia metropolitana, a proporção é ainda mais expressiva — 42,1%. Ainda assim, não podemos ignorar a disparidade que persiste no mercado de trabalho, em que a presença feminina negra é marcada por altas taxas de inatividade e desemprego.

Embora sejam maioria populacional na AMB, sua participação efetiva no mercado de trabalho

é desproporcionalmente menor: 52,4% na periferia e 38,4% no Distrito Federal estão inativas. Pior ainda, representam 41,3% dos desempregados na Região Metropolitana, apesar de serem apenas 32,8% da força de trabalho.

Nos esportes, cada vitória das ginastas negras é mais do que uma conquista individual — é um avanço coletivo, um motivo de celebração para toda a comunidade negra que ainda luta por visibilidade e igualdade no Brasil. E não é só no esporte que essas vitórias têm impacto. Na psicanálise, entendemos que são essenciais para a saúde mental coletiva, pois reforçam uma narrativa de competência e valor. Na arena corporativa, cada passo adiante tomado por uma mulher negra, seja uma promoção ou a obtenção de um cargo de liderança, rompe com as estruturas opressivas que por tanto tempo marginalizaram essas mulheres.

A sororidade e o movimento feminista são peças-chave nessa transformação. O apoio entre mulheres cria uma base sólida para que sucessos individuais se convertam em progresso coletivo. E, hoje, finalmente, estamos começando a ver a liderança feminina negra emergir para desafiar e redefinir as normas em todas as esferas, incluindo os negócios. Reconhecendo o poder e a influência das mulheres negras, tanto nos palcos da ginástica quanto nas salas de reuniões, estamos fazendo mais do que validar suas conquistas: estamos investindo em um futuro onde a igualdade e a justiça não sejam apenas ideais, mas realidades.

Agora, permitam-me destacar uma figura que encarna essa esperança e determinação:

Rebeca Andrade. Com sua prata olímpica, Rebeca não só fez história no esporte brasileiro, mas se tornou um ícone vibrante da tenacidade feminina negra. Em cada salto e movimento, ela transcende a atlética, tornando-se um farol de possibilidade e promessa para um futuro onde a cor da pele não determina o quão alto alguém pode alcançar.

Rebeca entende a responsabilidade de sua posição. Ela inspira não apenas no esporte, mas em todos os setores da sociedade, incentivando mulheres, especialmente aquelas que foram historicamente colocadas à margem, a perseguir seus sonhos com a mesma paixão e coragem. Então, olhando para o pódio onde Rebeca se destaca, vemos mais do que uma medalhista: vemos o amanhecer de um futuro promissor. Rebeca Andrade e sua trajetória de sucesso se tornam parte vital na construção de um legado de força, determinação e esperança.

É uma mensagem poderosa para as mulheres negras de Brasília e de todo o Brasil: o lugar mais alto do pódio não é apenas possível, mas está esperando por aquelas que ousam sonhar e lutam para tornar esses sonhos realidade. A história de Rebeca é uma inspiração não apenas para futuras atletas, mas para todas as mulheres que buscam reivindicar seu espaço, lutar por suas paixões e nunca desistir de modelar o mundo com suas próprias histórias de sucesso. E para você, Rebeca, saiba que sua prata brilha com o valor de ouro nos corações de todos que acreditam que, apesar de todas as adversidades, emergir vitorioso é possível.

Agronegócio do Cazaquistão, potencial parceria com o Brasil

» JOSÉ HORÁCIO HALFELD RIBEIRO
Cônsul honorário do Cazaquistão em São Paulo

O Cazaquistão, uma grande nação na Eurásia, conhecido por planícies deslumbrantes e belas montanhas, também tem vastas extensões de terras agriculturáveis. Com cerca de 220 milhões de hectares disponíveis para a agricultura e 180 milhões de hectares de pastagens, o Cazaquistão tem posição de destaque global como o sexto país com maior extensão de terras disponíveis para agropecuária.

Essa abundância de recursos naturais representa potencial significativo para a expansão do agronegócio, com perspectivas de promissora colaboração com o Brasil, com quem o Cazaquistão completa 30 anos de relações diplomáticas neste ano.

Dessa área total, 2,6 milhões de hectares são dedicados à produção de oleaginosas, como girassol e colza, indicando potencial para produção de óleos vegetais e biocombustíveis. Além disso, com 1,6 milhão de hectares de terras irrigadas e perspectiva de expandir para 3 milhões até 2030, o Cazaquistão impulsionará ainda mais sua produção agrícola.

Um dos pilares importantes do agronegócio cazaque é a produção de cereais, como trigo e cevada. A qualidade desses grãos é reconhecida internacionalmente, o que o torna um fornecedor confiável para o mercado global de alimentos. As condições climáticas favoráveis e as vastas áreas de cultivo possibilitam a produção de uma ampla variedade de frutas e vegetais frescos.

O Cazaquistão é conhecido também por sua carne de alta qualidade, especialmente bovina e ovina, e a demanda global está em constante crescimento. Um dos pontos mais atrativos é o status do país de zona livre da febre aftosa. Gado e outros animais são criados em ambiente livre de uma das doenças mais devastadoras para a pecuária. Oportunidade excepcional para produção e exportação de produtos de origem animal, como bovinos, suínos e aves, com segurança e confiabilidade. A criação de gado é parte fundamental da economia cazaque, e o setor de laticínios no Cazaquistão tem se expandido, com leite, queijo e iogurte ganhando destaque. A crescente demanda por produtos lácteos de qualidade oferece oportunidades significativas de crescimento.

A proximidade geográfica do Cazaquistão com potências econômicas e grandes centros globais fez o país investir consideravelmente em infraestrutura logística, tornando-se um centro estratégico de escoamento de produção. Com US\$ 30 bilhões investidos, o país possui uma rede robusta de transporte, com 96 mil quilômetros de estradas e 17 mil quilômetros de ferrovias.

O país opera 11 corredores de fluxo que facilitam o envio de produtos agrícolas para longas distâncias, tais como o Corredor China-Europa, via São Petersburgo; Corredor Central, ligando Europa e China pelo Mar Cáspio; e Corredor Norte-Sul, conectando a Índia ao norte europeu também pelo mar Cáspio, onde se destacam os portos de Aktau e Kuryk, essenciais para o transporte marítimo.

Assim, com acesso privilegiado a países como China, Oriente Médio e do Leste e Sudeste Asiático, como Japão, Coreia do Sul e Malásia, o Cazaquistão é um hub estratégico de acesso a esse mercado gigantesco e com facilidades para a exportação de produtos agrícolas brasileiros de alta qualidade e valor agregado.

O Brasil, como uma das principais potências agrícolas globais, possui expertise inigualável no setor agropecuário. Nesse sentido, sua vasta experiência em tecnologia, pesquisa e desenvolvimento pode contribuir para otimizar a produção agrícola do Cazaquistão e aumentar sua produtividade.

Ambos os países podem explorar suas respectivas vantagens competitivas e diversificar gêneros alimentícios, como soja, milho, café e frutas tropicais, além de produtos orgânicos e outros de alto valor agregado. Tal colaboração abrirá novas oportunidades para ambos nos mercados internacionais. Uma parceria estratégica entre Brasil e Cazaquistão no agronegócio será extremamente benéfica, especialmente considerando que, em conjunto, poderão desenvolver práticas sustentáveis de conservação do solo, da água e a redução das emissões de carbono.

Portanto, com extensa área agriculturável, desempenho econômico sólido, foco em segurança sanitária, logística avançada e abundância de recursos minerais para produção de fertilizantes, entre outros, o Cazaquistão representa um parceiro atrativo para o Brasil no agronegócio, para impulsionar as economias de ambos os países e contribuir para a segurança alimentar global e o desenvolvimento sustentável da agricultura.